

As ideias e opiniões expressas nos textos publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, não refletindo, necessariamente, a opinião do IFF Campus Itaperuna.



Professores para quê?

por **Rafael Alves de Santana**

Professor de Filosofia do IFF Campus Itaperuna | <http://lattes.cnpq.br/0126165119072441>

Esta é uma das perguntas que surgem quando nos deparamos com as promessas das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) aplicadas à educação. Chegou o momento de dar “Adeus professor, adeus professora”, como provoca José Libâneo ao refletir sobre as novas exigências educacionais e profissionais da docência frente às TIC?

As novas tecnologias são apenas a mais recente frente de questionamentos à profissão docente, que possui um acúmulo antigo de críticas desde a formação dos professores, seu papel político e relevância social, até sua autoridade e prestígio. Parece haver um desmonte intencional da docência, das condições institucionais para sua prática e de questionamentos quanto à sua qualidade técnica e motivações políticas.

Esta crise da docência precisa ser vista dentro de um quadro maior, pois é decorrente da crise da instituição escolar. As políticas públicas se atualizam, as discussões entre os profissionais da educação se expandem, os valores e as finalidades educacionais se modificam, entretanto, a instituição escolar pouco se transforma: continuam sendo utilizados os mesmos mecanismos institucionais orientados à uma sociedade que não existe mais.

François Dubet faz um diagnóstico que vale ser observado. A escola moderna, da qual somos descendentes, foi criada sob três elementos fundamentais: uma educação pautada na ideia de transmissão de valores e conhecimentos que seriam universais; a autoridade de quem

ensa — o docente — estaria fundamentada na autoridade do conhecimento que é ensinado; e a instituição escolar seria a guardiã desses conhecimentos. Com a globalização, a crescente complexidade das sociedades e, agora, o desenvolvimento das TIC, os conhecimentos perderam seu caráter de universalidade; eles não têm mais autoridade em si mesmos e estão disponíveis além dos muros da escola; e o professor não é mais o único intermediador entre o aluno e os conhecimentos dos quais a escola não é mais protetora e depositária.

A tempestade institucional que promove a crise da docência está criada: do professor é exigido professar um conhecimento que se pretende universal numa sociedade que é crítica a qualquer saber com viés universalista; o professor demanda prestígio por dominar um conhecimento do qual ele não é mais a referência; e do professor são requisitados atitudes e valores contemporâneos dentro de uma estrutura institucional que impele a práticas tradicionais.

Refletir sobre a crise da docência implica em pensar uma nova escola, em como uma instituição ainda de caráter monocultural, homogeneizadora e padronizadora não atende mais às demandas de uma sociedade complexa. Assim como a sociedade, a escola também deveria buscar ser plural, diversificada e heterogênea, se constituindo um local de relações de conhecimentos diversos e divergentes, na qual se socializam os saberes legitimados (ciências), bem como se estruturam e se sistematizam os saberes fragmentados (leituras de mundo). A sociedade se modificou, adentrou os espaços da escola e agora demanda que esta se entenda como um espaço de cruzamento de saberes, de culturas.

Seguindo na mesma esteira, Muniz Sodré afirma que a instituição escolar atual se resume a preparar os estudantes para a competição do teste, definindo-os pela sua capacidade de serem aprovados nele.

Esta prática está calcada na escola monocultural, que promove a pedagogia da inculcação de conteúdos. Uma nova escola seria entendida como um espaço de circulação de saberes, de acolhimento da diversidade, com a pedagogia voltada para um processo de incorporação e diálogo com os saberes circulantes na comunidade. Ao docente cabe a mudança de papel de transmissor de informação para o papel de tradutor das linguagens do mundo.

Retomando a provocação de Libâneo e seguindo sua linha de reflexão, a despedida da profissão docente será contornada a partir de uma nova escola, qual seja, um lugar de síntese entre a cultura formal e a cultura experienciada, de análises críticas e produção de conhecimento que possibilitam a atribuição de significado às informações que circulam na sociedade. Nesta escola, os alunos aprendem a analisar criticamente as informações e a dar-lhes um significado pessoal, e o papel do professor é criar condições cognitivas e afetivas que auxiliem o aluno a atribuir significados às informações recebidas.

A transformação da escola e da profissão docente não virá de uma panaceia - novas tecnologias ou eficiência em gestão - mas do chão dela própria, pelo trabalho de seus atores. António Nóvoa é incansável ao dizer que a profissão docente constrói e reelabora permanentemente seu conjunto de saberes e saber-fazeres. E uma das principais reelaborações em curso é a passagem do professor individual — que trabalha sozinho com sua turma de alunos a partir da sua disciplina específica — para a colegialidade — o trabalho conjunto entre docentes, no quadro de uma diversidade de formas de organização pedagógica e de circulação de saberes.

A crise da docência é uma crise da instituição escolar. E a ameaça à relevância da docência vem de vários fatores, mas sobretudo da maneira como os professores constituem a instituição escolar. O que estamos fazendo coletivamente na nossa instituição e qual Escola emerge da nossa ação?

